

ÍNDIOS

Um rio que sofre de gota

Doente, Orlando Villas Bôas faz 85 anos em reclusão e cheio de planos

ANTONIO XIMENES, DE SÃO PAULO

Com dez quilos a menos, gota, longos cabelos brancos e de bengala, o sertanista Orlando Villas Bôas completou 85 anos esta semana, no dia 12, terça-feira, sem festas e na cidade. O último pioneiro do Parque Nacional Indígena do Xingu passou o aniversário na reclusão de sua casa, no Alto da Lapa, em São Paulo, cercado pela mulher, Marina, pelos filhos Noel, 23 anos, e Vilinha, 27, o inseparável cachorro Wuará e por livros, cestas, punhais, quadros e tantas outras lembranças dos 35 anos que passou entre os índios. O velho Orlando não está mesmo para muitas comemorações, mas também não perde o humor. "Estou com gota. Mas quem pensa que a morte está batendo na minha maloca está enganado. Eu sou um rio."

Sobre a reclusão, é igualmente irônico: "Nunca estou em solidão. Os rios, a mata e os índios são minha eterna companhia." Apaixonado por flores silvestres, que o ajudam a reavivar as lembranças do



O sertanista mantém a tradição de usar o cocar de cacique em dias...

Xingu, Orlando tem sempre um ramallete em casa, local que ele espera um dia ser transformado na Fundação Villas Bôas. Enquanto isso, passa as tardes escrevendo e revendo notas dos seus futuros livros, muitos ainda embrionários. Atualmente, está organizando uma obra com fotos de crianças indígenas. "Não sou homem de publicar biografia, mas tenho pensado muito em contar as histórias da expedição Roncador Xingu, da convivência com o Noel Nutels, das tiradas do Darcy Ribeiro, do caráter do Mare-

chal Rondon, dos meus amigos sertanejos e acima de tudo do primeiro cidadão brasileiro, o índio."

Calejado pelas muitas enfermidades tropicais a que foi acometido, dentre elas mais de 250 malárias, Orlando está vivendo um momento delicado de sua trajetória. Ele diminuiu as viagens, palestras, seminários e passou a se dedicar cada vez mais a organizar as suas memórias. Simples, e com a sabedoria dos velhos índios, o último dos sertanistas Villas Bôas (seus irmãos Leonardo, Álvaro e Cláudio já faleceram), se

Fotos de Antonio Ximenes



...festivos, como o seu aniversário, que passou em companhia da família e dos objetos que lembram o Xingu

emociona ao contar as histórias do início da ocupação do Brasil Central e os primeiros contatos com as civilizações indígenas do Xingu. "Eram tempos em que a palavra do homem valia mais do que um papel assinado, e corajoso era aquele que, mesmo armado, não atirava nos donos das terras que estavam sendo invadidas, ou, se preferir, ocupadas."

Discípulo do Marechal Rondon, que tinha como lema *Morrer se necessário for; matar, nunca*, Orlando deixa escapar uma lágrima quando fala da emoção do primei-

ro contato que teve com uma tribo em estado puro na região do hoje Parque do Xingu. "Depois de seis horas navegando pelo Rio Kulue-ne, encontramos uma coluna de índios na margem. Paramos e fomos na direção deles. De repente, do meio do coluna, saiu um índio alto de complexão física extraordinária. Era Isarari, o chefe. Começamos a fazer sinal um para o outro. A adrenalina era fortíssima e ainda hoje me arrepio. Depois de alguns minutos, nos abraçamos e a coluna se aproximou da expedição."

Cumpridas as tradicionais trocas de objetos do primeiro contato, uma das mulheres de Isarari, Kevezoz, caiu doente. O clima na aldeia ficou pesado. Porque para os índios o mítico e a realidade estão no mesmo plano. A realidade é regida pelo mítico e o homem carrega os sinais do bem e do mal. Na interpretação dos índios, a doença da mulher e a chegada dos homens brancos estavam intimamente ligadas. Depois de três dias de agonia, Kesevo começou a ter o corpo pintado pelas outras mulheres, com o

ÍNDIOS

Hélvio Romero

objetivo de prepará-la para a morte.

Foi quando os Villas Bôas, em meados da década de 40 – Leonardo e Cláudio ainda eram vivos –, tiveram a idéia de pedir para o Rio, via recado por um piloto da FAB, a novíssima penicilina. A possibilidade de a droga chegar a tempo na aldeia era remota, mas por um desses atalhos da sorte, o mesmo piloto conseguiu chegar a tempo na região. “Corremos para a maloca de Kesevo, que estava nas últimas, e aplicamos a penicilina. Cinco horas depois a mulher do cacique já se sentia melhor. Salvamos a vida da índia e a nossa pele. Desde então, somos grandes amigos dos Calapalos, porque esse feito ainda é narrado pelos membros da tribo. E, como sabemos, a cultura deles é oral.”

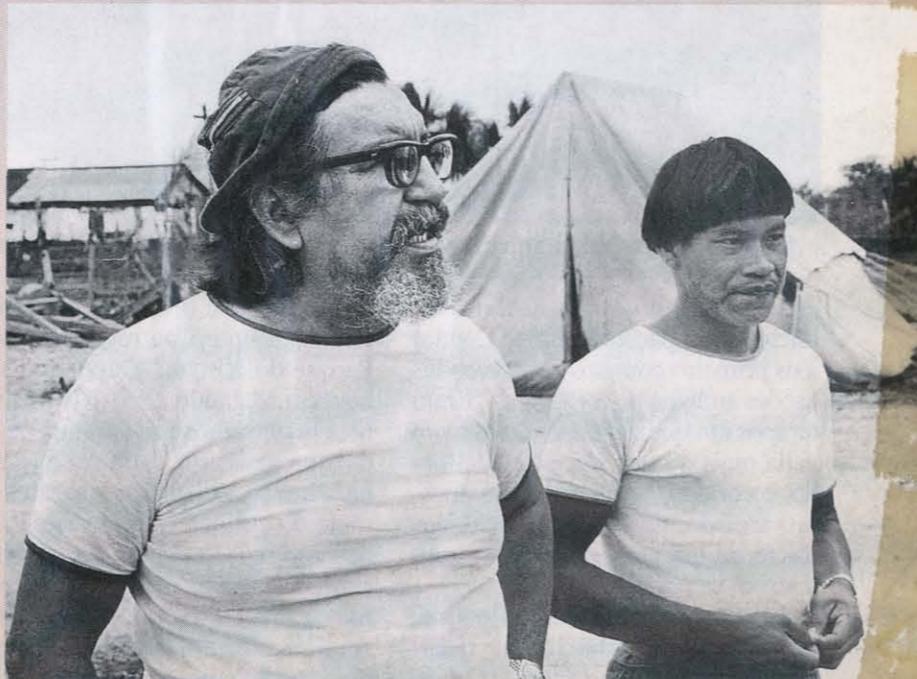
Essa é apenas uma das histórias de Orlando. Outra, essa revestida de maior drama, conta o cerco dos Xavantes à expedição. Antes de chegar à região do Parque do Xingu, a coluna chefiada pelo coronel Flaviano de Mattos Vanique, que pertencia à guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas, foi cercada por mais de 500 temidos xavantes. Quando estavam na iminência de serem atacados, ou, melhor, dizimados, outro golpe de sorte salvou-lhes a vida. “Cercados e aturidos por uma gritaria infernal dos índios, mandei que os homens engatilhassem os mosquetões e, se necessário, dessem uma salva de tiros para assustar. Essa era a primeira idéia. A segunda, felizmente não foi preciso pôr em prática. O drama era que não sabíamos de onde eles vinham em função da vegetação”, lembra o sertanista.

A tragédia não se efetuiu porque Cláudio Villas-Bôas subiu em um cupim e identificou num relance que os índios estavam às costas da coluna disfarçados por enormes folhas de bananeiras. “Cláudio começou a gritar desesperadamente: ‘Eles vão atacar pelas costas! Protejam-se, protejam-se, protejam-se.’



1

Fotos do arquivo JB



3



4



2

1. Acampamento da tribo Kalapalo no Quarup em homenagem a Cláudio e Álvaro Villas Bôas, em 1998
2. Em 1975, ao deixar o Xingu para comandar uma ação nacional em defesa das nações indígenas
3. Com um índio da tribo Kreena-Akeres, em 1972
4. Orlando Villas Bôas em 1972, temendo o ataque de índios numa expedição e usando técnicas de acampamento na alta-floresta: as panelas têm que ficar suspensas para que os animais não comam os alimentos e as facas têm que estar sempre à mão para qualquer eventualidade

se...’ Nos viramos e atiramos na direção onde eles estavam, mas para cima. Foi o que nos salvou.” Questionado se não estaria ferindo o lema do Marechal Rondon, Orlando não titubeia em responder que sim, “mas não foi preciso, porque tivemos a sabedoria de não atirar para matar, mas para pô-los a correr. Isso atrasou o contato, mas, depois de alguns meses eles se tornaram nossos grandes amigos. Porque o índio, diferentemente de como pintaram e ainda pintam, é de paz. De guerra somos nós, os brancos.”

Consciente de que não lhe restam muito anos, Orlando vive a angústia de ter idéias e sonhos sem a energia física para tocar todos os seus projetos. “É fundamental que se reelabore uma nova política indigenista. As mudanças no mundo de hoje são rápidas demais, e os índios estão cada vez mais perdidos. Não bastasse o desnorreamento, ainda existe a Aids, a biopirataria, os madeireiros, a poluição das cabeceiras dos rios, o garimpo criminoso...” Mas engana-se quem pensa que Orlando é um velho rabugento que só tem críticas e queixas. Ele observa que o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso é o que mais terras indígenas tem demarcado nos últimos anos. “Acho que tem o dedo da Dona Ruth nessa atitude, afinal ela é antropóloga, e a Marina, minha mulher, disse que ela é boa de briga.”

Atento às comemorações da passagem do milênio e dos 500 anos do Descobrimto do Brasil, Orlando mostra inquietude e tem vários planos para quando chegar o ano 2000. Um deles, o mais acalentado, é estar entre os seus amigos do Xingu. Se não for possível, ficar na companhia da família, ou ir à televisão fazer um discurso de proteção aos índios. “Seria um recado para que no próximo milênio as civilizações indígenas fossem mais respeitadas e deixassem de ser massacradas.”